

03 a 09 SOL MARÇO

# essencial



VIAGENS ■ HOTÉIS ■ RESTAURANTES ■ TELEVISÃO ■ ESPECTÁCULOS  
FILMES ■ PALAVRAS CRUZADAS ■ SUDOKUS ■ PASSATEMPOS INFANTIS



## Seguindo o Aroma da **Flor da Amendoeira**

**Entre Fevereiro e Março, as terras do Côa e do Douro têm outro aroma e tingem-se de outros tons. Onde a Beira encontra Trás-os-Montes, há um mundo desconhecido. Siga as pistas das amendoeiras em flor.**

**No início**, mal se vislumbravam as pétalas nas flores das amendoeiras. Pequenos tufozinhos brancos ou rosa, belos e frágeis. «Vamos a um sítio onde as pessoas dificilmente chegam sozinhas», disse-nos Hugo, enquanto fazia o Land Rover deslizar pelas montanhas rochosas, esculturas erguidas em torno do Douro. Como se o esforço a que obrigavam tornasse o seu encanto maior. O guia explicou-nos: «Daqui a uma semana, é provável que haja muito mais amendoeiras em flor. Depende de como estiver o tempo. Agora, temos de ser hábeis». E basta uma brisa mais forte para desnudar, de novo, as árvores... Efémera, a beleza.

As amendoeiras começaram a aparecer, como pontos indefinidos, à medida que o jipe avançava, adentrando-se pelo Parque Natural do Douro Internacional. Não o suficiente para cobrir os campos, mas isso só as tornava mais belas.

Este era o único meio de aceder a alguns pontos, e nós não nos recusámos a um pouco de aventura. Iniciámos a jornada há pouco mais de meia hora, quando começámos a afastarmo-nos das povoações. As casas, na maioria térreas, de Figueira de Castelo Rodrigo foram sendo substituídas por enormes rochas graníticas que entrecortavam um verde a perder de vista. Nem sombra de gente. Saímos do jipe e o vento entrou-nos pelos ossos, arrepiando caminho pelas folgas do casaco. «Conseguem descobrir o que é isto?», perguntou, mostrando-nos um ramo do característico ros-



Seguindo por uma escarpa da montanha; uma choça, de granito, que era usada como depósito dos pastores; a amendoeira em flor



maninho, ainda sem a sua flor lilás. O rosmarinho é uma das plantas que mais abundam por aqui. Cheirava tão bem!

Poucos minutos depois, o jipe chegava a um ponto onde a terra avermelhada se abria numa fenda, tornando a travessia impossível. Pelo menos, foi o que nos pareceu. Com experiência, o guia atravessou facilmente o labirinto que qualquer distração tornaria perigoso. Embora descêssemos, de vez em quando, por alguns declives – que se prolongavam quanto maiores eram os vales –, a sensação que tínhamos era a mesma de quando chegáramos à Beira Alta: a de estarmos a uns bons metros de altitude.

«Estamos a entrar no concelho de Vila Nova de Foz Côa», indicou Hugo. Nas montanhas, oliveiras – que abundam bastante por aqui – e amendoeiras pareciam acariciar o vento. Descemos e cheirámos a flor da amendoeira. «A cor-de-rosa é mais forte, não é?», indagou o guia, acrescentando que «a de

flor cor-de-rosa indica que haverá mais amêndoas doces; a branca é provável que dê mais amêndoas amargas.»

Algumas casinhas brancas, redondas, começaram a aparecer, por ora, ao longe. «Sabem o que são?» Hugo, há seis anos cicrone da região onde nasceu, gosta de adivinhas. E fez-nos imaginar possibilidades... «São pombais», acabou por informar-nos, pouco depois. Criados nos anos 40, quando o sonho ditava a Portugal que seria o 'celeiro' da Europa, serviam de 'casa' às pombas cujos excrementos eram utilizados como fertilizantes naturais nos campos. Há muito que o abandono da agricultura os tornou devolutos. O Parque Natural pretende agora reabilitá-los, para serem repovoados pelas pombas que, desta vez, servirão de alimento à águia de bonelli, uma das aves de rapina do parque.

O jipe deslizava agora sem dificuldade, bem perto do Douro. Barca d'Alva, o último >>



**Uma amendoeira em flor; o Douro, com a província de Salamanca em fundo; uma vaca charolesa; atravessando a ribeira do Mosteiro**



» porto turístico dos cruzeiros que atravessam a pedido o romântico Douro, ficara para trás. Avistámos a quinta onde viveu o poeta Guerra Junqueiro, ao longe e seguimos, solavanco após solavanco.

Uma noite sem sonhos recompôs-nos as energias, preparando-nos para o dia seguinte. O Sol luzia na manhã e as amendoeiras decidiram brindar-nos com a sua beleza: um 'mar' de flores parecia ter aberto durante a noite. Hugo avisara-nos de que o passeio iria ser mais longo, mas mais calmo. Em estrada.

No miradouro do Alto do Sapinho, tivemos sorte: alguns grifos planavam, parecendo imóveis no ar. Ofereciam um belo espectáculo. Continuámos. Foi já depois de Barca d'Alva, e no distrito de Bragança, que abandonámos a 'estrada', percorrendo declives belos e simultaneamente perigosos. Estávamos no concelho de Freixo de Espada à

Cinta. «Cheira a estevas», disse Hugo, apontando, enquanto o jipe azul se habituava à estreita estrada do Candedo. Ao fundo, avistava-se a ribeira do Mosteiro que nós atravessaríamos pouco depois. «Já houve alturas em que a água nos dava pela janela», lembrou o guia a rir. Nesse momento, o telemóvel tocou e o sotaque de Hugo mudou. «Pues, claro que sí. Es posible», ouvimos. Os turistas espanhóis procuram com bastante frequência este género de turismo e a região oferece inúmeras possibilidades. A paisagem, com a diferença da altitude, não mudou. Montanhas atrás de montanhas, declives e mais declives. «Estamos rodeados por três vales. O do Côa, o do Douro e o do Águeda», indicou Hugo. A província de Salamanca adivinhava-se no horizonte.

Chegámos ao último ponto da viagem: Penedo Durão. Como descrever a paisa-



Ponte pedonal sobre a ribeira do Mosteiro; a beleza das amendoeiras numa das encostas da serra; um dos muitos pombais que estão a ser recuperados



gem que se estendia aos nossos e aos olhos de Nossa Senhora do Douro, (eternizada em estátua, desde 2002)? Alguns grifos começaram a recortar os céus. Chegam a atingir os três metros de comprimento de asa. Um, dois, contámos. Três... Sete. Vimos sete grifos! Um espectáculo raro, pensámos.

No caminho de volta, o silêncio acompanhava a jornada. Queríamos inspirar este ar puro, levá-lo connosco. Rimos. Pouco depois encontrámos zimbro, a árvore com que se fazia o 'pinheirinho de Natal' antigamente. Percebemos o que o nosso guia queria dizer com conhecer a região. O grupo estava bem disposto. A terra, com cheiro de amendoeira, diríamos voluptuosa, também.

Texto de SÓNIA BALASTEIRO  
Fotografias de RAQUEL WISE

## ONDE DORMIR

### HOSPEDARIA DO CONVENTO

Convento de Sta. Maria de Aguiar  
Figueira de Castelo Rodrigo  
Tel. 271 311 819

[www.hospedariadoconvento.com](http://www.hospedariadoconvento.com)

Integrada no mosteiro da Ordem de Cister de Sta. Maria de Aguiar, acolhe peregrinos desde o século XII. Quartos duplos desde €55.

### CASA DA CISTERNA

Rua da Cadeira, 7 – Castelo Rodrigo  
Tel. 271 313 515

Quartos duplos desde €65.

## ONDE COMER

### RESTAURANTE O LAGAR

R. do Barreiro – Escalhão  
Tel. 271 346 974

Experimente as tábuas de queijos e enchidos e a especialidade da casa: a regional morcela doce com laranja.

## COMO IR

### IMPACTUS – ANIMAÇÃO TURÍSTICA

[www.impactus.pt](http://www.impactus.pt)

Tel. 962 838 261

## COMO CHEGAR

Siga pela A1, até ao nó de Torres Novas. Siga pela A23 e, a seguir à Guarda, pela A25, no sentido Vilar Formoso. Saia no sentido de Almeida. Continue até encontrar Castelo Rodrigo.